

# ODETTE DE BARROS MOTT: ILHA OU ARQUIPÉLAGO NO CONTEXTO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL?

Ieda Maria Sorgi Pinhaz Elias\*

**RESUMO:** Odette de Barros Mott (1913-1998), escritora de literatura infantil e juvenil durante meio século de sua vida, produziu até o final de sua carreira, oitenta títulos e após três décadas de trabalho, já contava com mais de um milhão de obras circulando no mercado. Este artigo apresenta informações sobre o percurso literário da autora, procurando verificar sua posição no campo literário brasileiro. Para tanto, levantamos informações sobre a trajetória da literatura infantil e juvenil brasileira, amparados por trabalhos de pesquisadores que se debruçaram sobre este assunto.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura infantil e juvenil; campo literário; Odette Mott.

**ABSTRACT:** Odette de Barros Mott (1913-1998), writer of children and youth literature for half a century of her life, produced until the end of her career, eighty titles and after three decades of work, already had more than a million works circulating on the market. This article presents information about the literary career of the author, trying to verify her position in the Brazilian literary field. Therefore, we researched information about the history of children and youth literature in Brazil, supported by the work of researchers who have studied this subject.

**KEYWORDS:** children and youth literature; literary field; Odette Mott.

## INTRODUÇÃO

O centenário de vida da escritora de obras infantis e juvenis Odette de Barros Mott (1913-1998), talvez já constitua bom motivo para estudá-la. No entanto, tendo em vista o volume de obras publicadas, vendidas e sua contribuição para a cultura, tal fato se torna pequeno perante o que a autora representa para a literatura brasileira. Este trabalho tem por objetivo investigar o lugar da escritora no campo literário brasileiro, com destaque para sua circulação como objeto cultural inserido no Mercado Editorial.

Escritora paulista, publicou seu primeiro livro de literatura infantil em 1949, marco de uma carreira bastante produtiva, pois no início da década

---

\* Mestranda pela Universidade Estadual de Maringá; orientanda da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alice Áurea Penteadó Martha; professora da Rede Estadual de Educação. [iedapinhaz@gmail.com](mailto:iedapinhaz@gmail.com)

de 1980, já somava 34 títulos voltados ao público infantil e juvenil, sendo os onze primeiros, dirigidos aos pequenos leitores e os 23 restantes com temas que interessam aos leitores jovens. Nessa época, já ultrapassara a marca de um milhão de exemplares editados, que lhe proporcionaram mais de uma dezena de premiações (COELHO, 1984). Até o final de sua carreira, publicou 180 títulos, que mesmo depois de quatro décadas da primeira edição, a exemplo da obra *Justino, o retirante* (1970), conservam a proposta de conscientizar os jovens e de oportunizar, através da literatura, a discussão de temas polêmicos. O estudo das obras de Odette Mott pode contribuir para a interpretação de um período cultural da sociedade brasileira além de descortinar sobre a importância da autora na constituição do campo literário no Brasil. Pode nos revelar também as características sócio-históricas responsáveis pela formatação deste campo entendido como o volume de obras publicadas, vendidas e sua contribuição para a cultura brasileira.

## A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA – NOS TEMPOS DE MOTT

Sabe-se que o gênero literário infanto-juvenil suportou por longo tempo, um estigma da academia, sendo considerado marginal e por isso, de difícil reconhecimento. Atualmente, vem conquistando espaço, pois obras destinadas ao público infantil, além de representar um percentual significativo em relação à venda, impõe-se como um gênero muito mais maduro e consolidado, como podemos comprovar no discurso abaixo:

(...) há hoje um reconhecimento muito mais generalizado de que, para além de constituir um fenômeno graúdo de mercado, responsável por um percentual dos mais significativos no todo das vendas do universo editorial, a literatura infantil e juvenil no país é coisa de “gente grande”, possui autonomia, se espraia em um número elevado de títulos da mais variada natureza, havendo entre esses títulos obras de muito bom nível. Cada vez mais, são quebradas as fronteiras rígidas entre a boa literatura para crianças e jovens e a literatura para adultos, como nos demonstram os especialistas ao analisar a produção nacional, ao conceder prêmios específicos do gênero (ou não) ou ao selecionar obras para compras governamentais (CECCANTINI, 2008, p.02).

---

<sup>1</sup> De acordo com dados extraídos do site <http://www.ieb.usp.br/noticia/debate-e-homenagem-aos-100-anos-de-odette-de-barros-mott>

Segundo Antônio Candido (1985), para que a literatura exista como manifestação cultural, é necessária a interação entre autor, texto e leitor. É na passagem do texto impresso pela sociedade de consumo que a relação entre produção, produtor e receptor se consolida.

Para discutir esta questão, nos remeteremos ao final do século XIX, momento em que o Brasil atravessava inúmeras transformações, dentre elas, a modificação de uma sociedade rural para urbana, desencadeando a classe média, que contava com mais oportunidade de negócio, dinheiro mais acessível e acesso à educação. Neste sentido, cabe refletir sobre o sistema de produção e comercialização da literatura infantil e juvenil, considerando seu público alvo tal como seus mediadores como família, bibliotecários e professores.

O país se mostrava em processo de modernização. Esta realidade transfere à escola um papel significativo, sendo que a iniciação da infância fica aos seus cuidados. Surge assim a necessidade de obras que atendam aos pequenos no âmbito escolar, pois se concluiu que não havia material de leitura e livros para a infância brasileira, abrindo oportunidade para escritores produzirem obras infantis. A maior parte das obras que circulavam no país naquele momento, eram textos estrangeiros, traduzidos, que na grande maioria das vezes não representava o universo infantil brasileiro.

Galvão coloca:

Atendendo às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente, aparecem os primeiros livros destinados às crianças. Assim, configura-se um novo mercado que requer dos escritores uma prontidão para atendê-lo. Entretanto, a produção que advém desse processo, devido a um modelo cívico pedagógico, mantém um conservadorismo e um ranço dos padrões europeus nos quais se inspira. Também, pela ausência de tradição nessa produção, o início da literatura infantil brasileira fica marcado pelo emprego de temas conservadores, pela adaptação e tradução de textos europeus (...)  
(GALVÃO, p 90, 2009).

No afã de atender à tarefa patriótica de suprir a demanda de livros infantis, desencadeada pelas campanhas que fomentavam a instrução e alfabetização, a valorização da leitura e a formação de leitores, intelectuais, jornalistas e professores começam a produzir obras considerando o público infantil. É neste contexto que surge o livro didático. Cabia ao Conselho da Instrução Pública, analisar os livros e os materiais didáticos para indicar os que seriam adquiridos e distribuídos aos alunos do Brasil.

Nesta época, também circulavam no Brasil as traduções e adaptações dos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen. Mesmo com a iniciativa da produção de livros, muitas questões relacionadas à produção editorial

atrapalhavam a proliferação do livro, como: baixo salário de mão de obra, falta de informações técnicas sobre a impressão, falta de tinta, papel, e dificuldade para distribuição. É no fim do século XIX, que o Brasil pode comemorar o funcionamento da primeira fábrica de papel de São Paulo, da companhia Melhoramentos, que contribuiu com o desenvolvimento deste setor. Outra significativa contribuição veio da iniciativa de Lobato.

(...) importante fase dessa história pode ser observada a partir da atividade editorial de Monteiro Lobato (em 1917), que foi figura central para o incremento do ramo editorial no país. Com a *Revista do Brasil*, Lobato aumentou o número de postos de vendas de livros no país através de estratégias inusitadas (ZAPPONE, 2006, p. 248).

Mesmo após o término da Primeira Guerra Mundial (1918), momento em que se presenciavam avanços importantes na cultura e na arte, devidos aos aperfeiçoamentos de produtos intelectuais, encontramos a literatura infantil subordinada aos interesses do Estado.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1988, p.46), na década de 1920, as obras de autores nacionais que circulavam no país eram praticamente as de Lobato, acompanhado acanhadamente por histórias de Tales de Andrade e do autor Gondim da Fonseca, com a obra *O reino das maravilhas*. O grande sucesso aconteceu com a publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, pela Monteiro Lobato & Companhia, que destinou uma tiragem de 500 exemplares doados para as escolas, para divulgação. Na sequência, o governo de São Paulo adquiriu 30.000 livros para contemplar as escolas que não tinham recebido inicialmente (GALVÃO, 2009, p. 92).

É com Octalles Marcondes Ferreira, que Lobato cria a companhia Editorial Nacional, responsável pela edição de muitos títulos e inovações no campo editorial (ZAPPONE, 2006, p.248). Em 1924, esta empresa encerra suas atividades. Para continuar no ramo, Lobato cria a Companhia Editorial Nacional, que concentra parte significativa de sua produção nos didáticos e infantis, sem, contudo, deixar de publicar outras literaturas (GALVÃO, 2006, p 93).

Na década 1930, o governo de Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação e Saúde Pública e a Constituição estabelece as bases democráticas da Educação Nacional. Nesta mesma década, há um aumento editorial de livro infantil e didático, justificado pela expansão da escola primária. Disso resulta também a construção de bibliotecas infantis nas escolas. Os livros encaminhados para estes locais eram selecionados de acordo com uso de vocabulário adequado, ilustrações e qualidade do papel.

Um momento significativo para a literatura acontece em 1931, com o lançamento de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, obra inovadora e liberta do viés pedagógico. No entanto, o livro se encontra solitário frente

ao contexto de produção da época, tendo em vista que a produção voltada para o público infantil daquele momento, soava em voz uníssona com a política educativa, atendendo ao apelo da rede escolar. A produção de Monteiro Lobato foi capaz de romper o parasitismo de literatura infantil brasileira em relação ao modelo europeu, apresentando inclusive identificação com o folclore nacional. A ousadia do autor ainda pode ser mais enaltecida, tendo em vista o momento de produção de seus textos, que coincidem com a Ditadura Vargas, no Brasil. A editora Nacional não deixou desassistido seu público adolescente, lançando, simultaneamente à obra *Reinações de Narizinho*, a coleção *Terramarear*.

Entramos na década de 40 com avanço significativo no campo literário infantil e juvenil, mas ainda destacam-se as obras de autores estrangeiros sobre os nacionais, provavelmente devido às relações mais estreitas com os Estados Unidos, naquele momento da Segunda Guerra. A influência anglo-saxônica se instala no país e pode-se notar sua presença na literatura em várias traduções literárias. Em 1942, esta presença se intensifica, e o Brasil é invadido pelo capitalismo norte americano, percebido através dos muitos produtos industrializados, automóveis, eletrodomésticos, bens culturais, que permeiam o cenário nacional por mídias de massa da época.

É fato, segundo Renato Ortiz (2001, p.28), que até 1940, o elevado índice de analfabetismo no Brasil (1890: 84%; 1920: 75%; 1940: 57%), representou fator determinante para a não consolidação de uma cultura de mercado, pois tanto a produção como o comércio de livros no Brasil, eram irrisórios. Dessa forma, os escritores não conseguiam sobreviver da produção literária, sendo necessário trabalhar em outros ramos, como o magistério ou o funcionalismo público. Ao longo da década de 40, acontece a consolidação da sociedade urbano-industrial, em que os padrões europeus dão lugar aos valores americanos. Neste contexto a literatura infantil e a juvenil cedem às exigências ditadas pela família, escola, estado, apresentando uma grande produção em série. O escritor fabricava o objeto livro, de acordo com as exigências do mercado consumidor, como um operário.

Galvão descreve a situação da literatura infantil e juvenil do Brasil afirmando:

Duprepublica nesta década (1940) *A mina de ouro, A ilha perdida, A montanha encantada, Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca, O cachorrinho Samba* e o *Cachorrinho Samba na Bahia*. Essa produção em massa acarreta em obras repetidas, caracterizadas por temas e/ou personagens que se repetem, pela exploração de filões conhecidos, desprovidos de pesquisa renovadora, enfim, da profissionalização. A maioria mantém um pacto com o pedagógico, com o ensino. Todos esses fatores levam a literatura infantil e juvenil ao menor reconhecimento artístico e à marginalização (GALVÃO, 2006, p. 96).

Nas décadas de 1940 e 1950, apesar da referência de Monteiro Lobato, a literatura produzida para os pequenos é marcada por protagonistas dependentes, fragilizados, conduzidos por um narrador adulto. Na grande maioria dos textos infantis desta época, a criança é representada na narrativa por animais, desprotegidos, que necessitam do adulto para guiá-la. O adulto é a guia, na mão do cego-criança. O humor praticamente desaparece, pois é incompatível com a postura pedagógica (GALVÃO, 2006, p. 96). Em 1949, Odette de Barros Mott publica seu primeiro livro destinado às crianças *Aventuras no País das Nuvens*, livro indicado para a faixa etária a partir dos 6 ou 7 anos, obra que se enquadra na primeira fase da escritora que segundo Coelho é caracterizada da seguinte forma:

Sua produção inicial se dá nos anos 50, na área de Literatura Infantil (faixa etária: a partir dos 6/7 anos); e segue as tendências vigentes na época: aventuras/travessuras infantis, tendo como personagens, crianças, bichos, plantas, ou seres maravilhosos, que vivem enredos breves, ingênuos e divertidos, onde em geral existe mistério ou perigos que prendem a atenção do pequeno leitor; e sempre uma lição de vida a ser aprendida (COELHO, 1983, p.742).

Nas décadas de 1950 e 1960, Odette Mott lança obras como: *As aventuras do Peixinho Vermelho e da Gota D'água*, *Dona Tartaruga*, *João de Barro e os dois Peruzinhos*, *Os Coelhoinhos detetives*, entre outros. Devido à condução exacerbada do adulto à literatura infantil e juvenil dessa época, são mínimas as obras inovadoras neste período.

A década de 1950 é a era marcada pela chegada da televisão. Quanto à literatura infantil e juvenil, a situação se mantém na mesma nota. Reproduz os modelos que estava em pauta.

Com a eleição de Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 1956, chega o fim da era Vargas. Há nuances de mudança na vida cultural com a visão política desenvolvimentista do novo governo. No entanto, este estado não influencia de maneira considerável a literatura infantil e a juvenil.

A década de 60 é bastante importante para o mercado livreiro.

A década de 1960 inicia-se com uma euforia desenvolvimentista. Brasília é inaugurada, Juscelino decreta, em 1958, a redução e a isenção de taxas para a importação do papel e para a renovação do parque gráfico. Essas são as primeiras providências que favorecem a produção nacional de livros e que acarretam, a médio e a longo prazo, a modernização da indústria e do comércio livreiros. O aspecto do livro se renova e alguns editores, retomando a tradição lobatiana, investem em propaganda e inovam na distribuição, incluindo farmácias e bancas de revista entre os pontos de venda (GALVÃO, 2009, p. 98).

Em meio a uma situação tão mais confortável para o acesso à leitura, temos uma realidade desalentadora: os índices de leitura entre crianças, jovens e adolescentes eram baixíssimos. Com os dados dos índices de leitura nas mãos, o governo de JK promove ações para incentivar essa prática.

## ESCOLA, MERCADO E A ESTREIA DE UMA ESCRITORA

Em 1964, Odette Mott lança *As Aventuras do Escoteiro Bila*, obra muito bem aceita pelos leitores e que teve imediato sucesso. Coelho destaca alguns pontos sobre a obra:

(...) a autora revela um mundo natural, livre saudável, - fora dos limites do urbano, e aberto para as aventuras. E também já deixa evidente a intencionalidade básica de sua arte narrativa: levar o jovem leitor a se interessar por uma leitura que, para além de ser uma diversão, lhe ensine algo útil, belo ou bom. (COELHO, 1983, p. 743).

Com esta obra, Mott inaugura sua fase Juvenil. Dentre as características da obra, destacada por Coelho, apontamos a “Crença no ideal urbano-civilizador” (COELHO, 1983, p.743), sendo que no meio urbano destaca o progresso e no meio rural o viver de maneira *autêntica*.

Obras como as de Odette Mott eram encaminhadas às escolas com um encarte de ficha de leitura, contendo sugestões didáticas, questionários e roteiros de compreensão de texto. Odette Mott, como os demais autores contemporâneos daquele momento, costumava visitar as escolas e discutir suas obras com os alunos.

Galvão atenta para um fator preocupante para a literatura infantil e juvenil produzida naquele momento:

A necessidade de manter um público fiel leva à publicação em massa de livros mais modernos e com produção regular, voltados para crianças e para jovens. Isto implica o reforço da produção em série e em alta escala sem qualidade. Essa produção tem seu consumo assegurado graças à obrigatoriedade da leitura e à agressividade das editoras (GALVÃO, 2009, p.99).

Fica evidente assim, que a preocupação maior dos escritores daquele momento atrelava-se à questão de consumo do produto livro e não às questões estéticas da obra.

No final da década de 1960 e início da de 1970, a literatura infantil e juvenil toma corpo da temática urbana retratando o Brasil da época, com suas crises e impasses, assim, a literatura começa inserir críticas à sociedade

brasileira e às injustiças sociais. Através da obra *Justino, o retirante*, que narra a história de um menino de 12 anos órfão, que sai em retirada fugindo da seca e do atraso intelectual que assola parte do nordeste brasileiro, Odette Mott “se inscreve na mesma linha de denúncia feita, nos anos 20 por Ferreira de Castro, em *A Selva*” (Coelho 1983, p.745) ou nos anos 30, por Graciliano Ramos, na obra *Vidas Secas*, em que o autor chama a atenção para a miséria, atraso e injustiça social para com os nordestinos.

Outros fatores são importantes nas décadas de 60 e 70, para consolidação de um mercado de bens culturais (ORTIZ, 2001, p.113).

Em 1960, a televisão se concretiza como veículo de massa; em 1970, o cinema nacional se estrutura como indústria, assim como a indústria do disco, a editorial e a de publicidade. O golpe militar de 1964, com o advento do Estado militar, adquire um duplo significado. Uma dimensão política que produz repressão, censura, prisões e exílios, outra econômica que aprofunda medidas na economia, reorganiza-a, inserindo-a no processo de internacionalização do capital. Desse modo, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens materiais, há um fortalecimento do parque industrial de produção de cultura e do mercado de bens culturais (COELHO, 1983, p.100-101).

Na década de 70, Odette Mott lançou 15 obras para o público juvenil, indicadas abaixo por ordem cronológica.

- 1970 - *Justino, o retirante*
  - Roteiro da coragem
- 1971 - *Marco e os índios do Araguaia*
- 1972 - *A Rosa dos Ventos*
- 1974 - *A transa-Amazonica*
  - E Agora?
- 1975 - *A caminho do Sul*
- 1976 - *A 8ª série C*
  - A grande ilusão (*A transa-Amazonica* 6 ed. renovada)
- 1977 - *O clube dos bacanas*
  - O mistério do botão negro
  - O mistério da boneca
- 1978 - *Os dois lados da moeda*
  - O caso da ilha
- 1979 - *Pedro Pedreiro*

Segundo Lajolo e Zilberman (1984, p.137), em *Aventuras do Escoteiro Bila*, Odette Mott, ousa quebrar com o realismo ideal:

A ruptura começa a esboçar-se em 64, com *Aventuras do Escoteiro Bila*. Apesar do sotaque bilauquiano que o elogio do escotismo traz



para o livro, o desejo de migração para a cidade e as dificuldades por que passam os pequenos sitiantes apontam, se bem que de forma ainda tímida, para a ruptura de uma imagem otimista da sociedade brasileira. Bila muda-se para a cidade onde frequentará escola. Mas isso só ocorre graças à ajuda que seu padrinho, gerente de banco, promete à família(LAJOLO E ZILBERMAN, 1984, p. 137).

Depois do sucesso com *Aventuras do Escoteiro Bila*, ainda em 1964, Odette Mott lança mais duas obras: *A Montanha Partida* e *O Mistério do Escudo de Ouro*. Em 1970, surge com a obra que mais lhe proporcionou premiações: *Justino, o retirante*. Lajolo e Zilberman, comentam.

Com a publicação de *Justino, o retirante*, (...) a crise social é documentada com mais rigor, na história do menino de doze anos que, perdendo pai e mãe, decide largar a terra em que vivia, reclamada pelo patrão. Em seu itinerário de retirante, ele abandona o sertão e chega a Canindé, cidade maior, onde fará o ginásio. Embora seus problemas só se resolvam graças à generosidade de Dona Severina, o texto é suficientemente complexo para registrar transformações profundas trazidas pela modernização econômica da sociedade brasileira. A viagem de Justino não é só geográfica: ele migra também de uma economia de trocas para uma economia mais sofisticada, correspondente a uma vida onde as relações sociais são bem mais complexas(LAJOLO E ZILBERMAN, 1984, p.137).

*Justino, o retirante* é o maior *bestseller* da autora, obra que continua sendo reeditada mesmo depois de mais de quarenta anos de sua primeira publicação. Cabe ressaltar que a obra compõe a lista do acervo PNBE-2013, estando assim, mesmo depois de mais de quarenta anos de seu lançamento, disponível para alunos de escolas públicas de todo o Brasil.

O final da década de 70 e início da de 80 são bastante significativos para a literatura infantil e juvenil. Apesar da repressão, estado ditador, temas tabus como separação conjugal, amadurecimento sexual, marginalização dos índios, preconceito racial, entre outros, são temas em pauta. Neste novo panorama, surgem obras que se desvinculam do compromisso pedagogizante, e se lançam a uma nova proposta. Segundo Regina Zilberman (2005, p.46), a literatura infantil e juvenil não escapou da repressão, mas sofreu menos. Neste contexto surgem obras significativas como *Os colegas*, *Angélica* e *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga Nunes; *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha; *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado; *Onde tem bruxa tem fada*, de Bartolomeu Campos Queirós, entre outras. Apesar de Mott também produzir obras inovando nas temáticas, como: *E agora?*(1974); o tema é o preconceito racial; *De onde eu Vim?*(1984); que trata sobre adoção; *Decisão de amor* (1990) separação conjugal e gravidez

na adolescência; suas obras não circulam na esfera de textos que se destacam pelo valor estético.

Levando em consideração os baixos índices de leitura apresentados por vários indicadores de pesquisa ao longo da história da literatura brasileira, emerge considerar a importância do texto literário na formação do leitor, instrumentalizando-o para a autonomia ou ainda, de acordo com palavras de Antônio Candido, *humanizando-o*. Cerca de 40% dos livros lançados no nosso país em 2008, correspondiam à categoria infantil (CECCANTINI, 2008). Dentre as obras publicadas encontramos muitas narrativas de qualidade literária envolta a outras que ainda carregam a ideia pedagogizante, que acompanha o gênero desde sua aurora. No mesmo ano, a categoria juvenil ficou com o segundo lugar no ranking quantitativo do setor, abarcando 19% das obras publicadas. Percebe-se a tendência em abordar temas contemporâneos do universo juvenil, com preocupação do uso da linguagem mais adequada para este público leitor, elevando significativamente a qualidade das obras tanto dos escritores principiantes quanto dos já consagrados.

Em instituições atuantes, voltadas para o público infanto-juvenil, verifica-se um transito tímido das produções de Odette de Barros Mott. No site da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, no jornal on-line, mensal, disponível a partir de janeiro de 2005 a agosto de 2013, há somente <sup>2</sup>uma menção à autora, com a obra *De onde eu vim?* Como parte da relação de títulos publicados pela Editora do Brasil. No entanto, suas obras continuam sendo editadas, como exemplo da Atual editora, que em comemoração ao centenário de nascimento da autora, reeditou “Justino, o retirante” (1970) e “8ª série C” (1976), intitulada atualmente como “9º ano C”, sendo que as duas obras constam no catálogo on-line da Editora Saraiva. A escritora também foi tema do evento promovido pelo IEB, “<sup>3</sup>Debate e homenagem aos 100 anos de Odette de Barros Mott”, realizado em 17/05/2013, participando das discussões em mesa redonda as pesquisadoras na área de literatura, Nelly Novaes Coelho e Raquel Afonso da Silva.

## QUEM DIZ O QUE

Em algumas de suas obras, Nelly Novaes Coelho comenta sobre a produção literária de Odette de Barros Mott. No *Dicionário crítico da literatura*

---

<sup>2</sup> Jornal on-line da FNLIJ, notícias 12, nº 12; vol. 31. Dez 2009, seção Biblioteca, disponível no site [http://www.fnlij.org.br/principal.asp?jornal=online&cod\\_menu=850](http://www.fnlij.org.br/principal.asp?jornal=online&cod_menu=850)

<sup>3</sup> De acordo com dados extraídos do site <http://www.ieb.usp.br/noticia/debate-e-homenagem-aos-100-anos-de-odette-de-barros-mott>

*infantil/juvenil brasileira 1882-1982*, dedica 19 páginas da obra para comentar sobre Mott e sua produção literária. Inicia o verbete dando referências sobre a autora e nas demais 18 páginas faz uma verdadeira varredura das obras publicadas por Mott até 1982. Caracteriza a produção da autora em dois momentos, que divide inclusive cronologicamente. De acordo com Coelho, a fase inicial da produção de Mott se caracteriza por textos destinados ao público infantil. Este período dura por volta de 15 anos. A ruptura para a segunda fase, caracterizada como juvenil, acontece com a publicação da obra *Aventuras do escoteiro Bila* (1964). Desta data ao final da edição do dicionário de Coelho (1982), Mott publicou 23 obras (1964-1982) dedicadas ao público jovem, colocando em pauta três áreas de interesse: mundo rural, meio urbano e aventura (COELHO, 1984, p.742).

Coelho tece comentários sobre várias obras de Mott, proporcionando ao leitor uma vasta visão acerca da produção literária da autora.

Anos depois, em *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*; Coelho retoma suas considerações sobre as obras de Mott, afirmando que *Justino, o retirante* é atenta à realidade social e cuja matéria literária é orientada ou filtrada por uma perspectiva político-econômico-social (COELHO, 2000, p.156).

As autoras Regina Zilberman e Marisa Lajolo também comentam Mott em algumas de suas obras. Em *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias* (1984), na seção “A narrativa em tom de protesto”, tecem comentários sobre *Aventuras do Escoteiro Bila* e *Justino, o retirante*. Na obra *Um Brasil para crianças*, (1988) apresenta trechos do livro *Rosa dos Ventos*, além de ressaltar a importância da autora:

É com Odette de Barros Mott que os problemas do Brasil urbano ingressam na literatura infantil brasileira. Nos livros desta autora, a trajetória dos protagonistas de *As aventuras do escoteiro Bila* e de *Justino, o retirante* reproduzem, a nível ficcional, o itinerário do rural para o urbano (...) (LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p.177).

As autoras também comentam sobre a obra *A oitava série C* (1976), em que a escola é usada como espaço ficcional, “mostrando a modernização por que passou a imagem da escola no interior da literatura de hoje” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p.174). As autoras afirmam que as leituras proporcionadas por textos como este, servem para inculcação de certos valores, e estão a serviço do processo civilizatório e educativo.

No CIELLI de 2012, Raquel Afonso da Silva, apresentou trabalho com o título, *A recepção da obra juvenil de Odette de Barros Mott (1913-1998)*, artigo fruto da pesquisa “Cartas a uma escritora: organização arquivística e estudo da Série correspondência de Odette de Barros Mott, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo”, desenvolvida a partir de janeiro de 2012.

Mott tem algumas de suas obras relacionadas na Bibliografia Brasileira de literatura Infantil e Juvenil – organizada pelo Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. No volume nº4 encontra-se: *Aventuras do escoteiro Bila; Eu e minha família; A rosa dos ventos*; no volume nº 6: *Caminhos e Caminhantes; Justino, o retirante; A 8ª série C*; e no volume nº 8: *Amanhã na praia*.

A autora não é citada em títulos de artigos que compõem a Revista da ANPOLL, entre as edições de número 1 a 33 (1994 - 2012), disponíveis online.

Outro dado importante a ser destacado é a presença de Odette Mott em sites de rede social como *facebook* e *skoop*. *Skoop* oferece espaço para os participantes informarem o que estão lendo, o que já leram e o que ainda intencionam ler, sendo possível compartilhar opiniões e críticas. Neste espaço, encontramos 45 obras de Odette de Barros Mott, citadas. Em relação ao *facebook*, há um página abordando sobre a obra *E agora?*. Meios de comunicação virtual como os citados, que não existiam na época em que a autora publicava em vida suas obras, é uma evidência de que seus textos continuam com leituras e leitores atuais, participando assim, do campo literário.

## REFERÊNCIAS

BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.

CECCANTINI, João Luís. *Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008*. FNLIJ, notícias, setembro 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. 7ed. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 2ed. São Paulo: Quíron, 1984.

LAJOLO, M. ZILBERMAN. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e história cultural*. 5ed. 4. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 104ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Raquel Afonso da. *A Recepção da obra juvenil de Odette de Barros Mott (1913-1998)*.

Disponível em: <[http://anais2012.cielli.com.br/pdf\\_trabalhos/1837\\_arq\\_1.pdf](http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1837_arq_1.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2013.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashe. Caminhos da leitura literária no Brasil: pelos, editoras e instituições. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs.) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006, p.237-254.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 2.ed. São Paulo: Global, 1988.

Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil – v.4 (1993) – São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil. Secretaria Municipal de Cultural, 1996, p.119-120.

Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil – v.6 (1995) – São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil. Secretaria municipal de Cultural, 1998, p.69.

Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil – v.8 (1997) – São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil. Secretaria Municipal de Cultural, 1996, p.93.

[http://2010.cielli.com.br/simposios\\_estudos\\_literarios](http://2010.cielli.com.br/simposios_estudos_literarios) Acesso em: 15 setembro 2013.

[http://www.indev.com.br/conali/arquivos/caderno\\_de\\_resumos.pdf](http://www.indev.com.br/conali/arquivos/caderno_de_resumos.pdf) Acesso em: 14 setembro 2013.

<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/search> Acesso em: 14 setembro 2013.

<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/issue/view/35/showToc> Acesso em: 14 setembro 2013.

<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/issue/view/10/showToc> Acesso em: 14 setembro 2013.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Disponível em: [http://www.fnlij.org.br/principal.asp?jornal=online&cod\\_menu=850](http://www.fnlij.org.br/principal.asp?jornal=online&cod_menu=850) Acesso em: 26 agosto 2013.

<http://www.ieb.usp.br/noticia/debate-e-homenagem-aos-100-anos-de-odette-de-barros-mott> acesso em 26 de agosto 2013.

[http://www.editorasaraiva.com.br/wp-content/themes/site\\_editora/downloads/pdf/catalogos/tematico\\_odette\\_de\\_barros\\_mott.pdf](http://www.editorasaraiva.com.br/wp-content/themes/site_editora/downloads/pdf/catalogos/tematico_odette_de_barros_mott.pdf) acesso em 26 de agosto 2013.

<http://odetemott.blogspot.com.br/> acesso em 26 de agosto 2013.

<http://www.skoob.com.br/autor/338-odette-castilho-de-barros> acesso em 15 de setembro 2013.

<http://www.editorasaraiva.com.br/autor/odette-de-barros-mott/> acesso em 15 de setembro 2013.

<https://pt-br.facebook.com/pages/E-Agora-Odette-De-Barros-Mott/381877381868839> acesso em 15 de setembro 2013.